

“Se não na escola, onde?”: limites e potencialidades da educação escolar na promoção de uma cidadania europeia ativa

Carla Malafaia e Isabel Menezes

Qual o papel da educação escolar na promoção da cidadania ativa e na aproximação dos/as jovens à União Europeia? Esta é uma das questões a que se procurou dar resposta no projeto Europeu CATCH-EyoU - “Constructing Active Citizenship Among European Youth” -, financiado pelo Horizonte 2020, que decorreu entre setembro de 2015 a setembro de 2018¹. Centrado no ensino secundário, o projeto explorou o papel da escola através da análise de manuais escolares (História, Inglês e Área de Integração), de entrevistas a 16 professores/as e de oito grupos de discussão focalizada com 61 alunos em quatro escolas do ensino regular e vocacional do Norte do país. Envolveu ainda, ao longo de dois anos letivos, um projeto com uma turma de 21 alunos de um curso profissional, numa escola secundária do distrito do Porto.

Da análise dos manuais escolares ressalta (i) a referência à União Europeia (UE) numa lógica predominantemente histórica e informativa; (ii) a prevalência de discursos normativos e convencionais sobre a cidadania; e (iii) a ausência de abordagens pedagógicas que estimulem a reflexão crítica e a ligação com o quotidiano dos/as jovens. Estes resultados não foram surpreendentes para os/as professores/as entrevistados/as, que reconhecem a abordagem curricular superficial sobre assuntos cívicos e políticos e a necessidade de atividades práticas e significativas, estimuladoras do pensamento crítico. A educação para a cidadania é deixada à responsabilidade individual de cada professor/a, sem atender a obstáculos como a falta de tempo, a extensão do currículo, a pressão da avaliação e a ausência de formação específica. Os dos/as jovens destacam uma cultura escolar determinada por exames e notas, mas também as poucas oportunidades de debate e de influência nos processos de tomada de decisão dentro e fora da sala de aula. Ainda assim, a discussão nos grupos revela como

¹ O consórcio foi composto por 8 países, sendo coordenado a nível internacional pela Professora Doutora Elvira Cicognani (Universidade de Bolonha) e, a nível nacional, pela Professora Doutora Isabel Menezes (Universidade do Porto).

os/as jovens são atores políticos atento/as, identificando e discutindo lacunas do projeto europeu e denunciando a pouca disponibilidade da classe política para a/os ouvir.

O estudo sugere que a prática da cidadania na/a partir da escola depende largamente da criação de oportunidades de participação, que caminhem a par com o reconhecimento de opiniões, conhecimentos e experiências, e favoreçam a tomada de decisão dentro e fora da sala de aula. A intervenção pretendeu, exatamente, testar estes elementos num projeto que visava estimular a cidadania ativa (Europeia) dos/as jovens, através da identificação, análise e problematização de um problema social que ele/as próprio/as identificaram como relevante para si e para a sua comunidade² - a violência no namoro. Assumindo o papel de co-investigadores/as, os/as jovens administraram questionários a colegas da escola, realizaram entrevistas numa ONG e na polícia, e mobilizaram o teatro-imagem e o *photovoice*. Os resultados foram discutidos numa sessão na escola, com alunos, professores/as, investigadores/as, representantes de organizações da sociedade civil e o vereador da juventude do município. Este foi o mote para a elaboração de propostas políticas dirigidas às instituições Europeias, apresentadas pelos/as alunos em Bruxelas, num evento que incluiu decisores políticos Europeus. A avaliação do impacto desta intervenção mostra que promoveu a identidade Europeia, as discussões sobre assuntos Europeus e as experiências de participação cívica e política relacionadas com a União Europeia. Este incremento na pertença e na participação foi também acompanhado por um crescendo no sentido crítico sobre a UE.

A educação para a cidadania beneficia de projetos escolares assentes na ligação à vida real e no reconhecimento do potencial político da/os jovens alunos. Durante os grupos de discussão, os/as jovens foram unânimes em afirmar que a escola é o sítio para se aprender sobre política e cidadania. Também aqui se trata de ouvir o que a/os jovens têm a dizer.

² Esta intervenção foi facilitada por investigadores da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e desenvolveu-se de modo transdisciplinar com a colaboração de diferentes disciplinas, nomeadamente de Área de Integração.

Bio



Isabel Menezes é licenciada e doutorada em Psicologia pela U. Porto, onde é Professora Catedrática no Departamento de Ciências da Educação. É investigadora do Centro de Investigação e de Intervenção Educativas (CIIE) com trabalho sobre participação cívica e política de crianças, jovens e adultos, com especial interesse em grupos em risco de exclusão, e as formas como a educação formal e não formal (incluindo a arte comunitária) pode ter um papel empoderador na relação com a política.



Carla Malafaia é doutorada em Ciências da Educação pela U. Porto, onde é investigadora desde 2008 no Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE). O seu trabalho de investigação tem-se relacionado com a mediação de conflitos, a participação cívica e política juvenil, a educação para a cidadania e as desigualdades sociais. É atualmente investigadora no Projeto europeu *CATCH-EyoU*.